

Um Muro Brasileiro: Compreensão, Incerteza e Complementaridade de Opostos na Série de Reportagens “Um Mundo de Muros” da *Folha de S.Paulo*¹

Carolina Moura KLAUTAU²
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

“Excluídos: à beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera” é uma das reportagens da série “Um mundo de muros”, publicada pela *Folha de S.Paulo* em 2017. Por meio dela, estudaremos a relevância, na narrativa jornalística, da incerteza e da complementaridade de opostos para a compreensão do mundo. Por compreensão, tratamos da contextualização, inclusão e abraço de diferentes saberes para o entendimento dos fatos. Pensamos incerteza e complementaridade de opostos como formas de conhecimento que, quando assumidas no jornalismo, nos deixam mais perto de captar a complexidade de nosso contexto histórico, porque ele próprio é incerto e com opostos que mais se complementam do que se anulam. Dimas Künsch, Cremilda Medina, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Reginaldo Prandi são nossos referenciais teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; reportagem jornalística; incerteza; complementaridade de opostos; Folha de S.Paulo.

*Eu tô te explicando pra te confundir
Eu tô te confundindo pra te esclarecer
Tô iluminado pra poder cegar
Tô ficando cego pra poder guiar*
Tom Zé

OS MUROS NO MEIO DO CAMINHO

Élisabeth Vallet é professora do Departamento de Geografia da Universidade de Québec, no Canadá, e diretora do centro de estudos sobre geopolítica da Instituição. O livro *Borders, fences and walls: state of insecurity*, lançado em 2014 e organizado pela pesquisadora, tornou-se uma referência no estudo sobre os muros e cercas que separam países e culturas ao redor do mundo. A pesquisa, iniciada em 2003, ao lado de Zoe Barry e Josselyn Guillarmou, mostrou-se, logo de início, surpreendente.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). e-mail: carolklautau@gmail.com.

Em entrevista à repórter da *Folha de S.Paulo*, Patrícia Campos Mello,³ Vallet assume que sua hipótese de pesquisa era de que haveria uma diminuição na construção de barreiras físicas após a queda do Muro de Berlim em 1989, e que esse processo seria acelerado pela globalização. No entanto, quando os estudos começaram, sua descoberta foi de que, na verdade, a construção de barreiras físicas estava cada vez mais acelerada antes mesmo de um acontecimento marcante na história contemporânea: os ataques de 11 de setembro de 2001.⁴ Em 1991, existiam 15 muros no mundo. Atualmente, são mais de 70 e, a maioria deles, tem como objetivo a contenção de imigrantes.

Concluímos que os atentados de 2001, da mesma maneira que a Primavera Árabe [iniciada em 2010], tinham sido um acelerador para a multiplicação de muros, mas não um desencadeador. O fator real foi a globalização, a maneira como ela mudou as estruturas econômicas, como muitas pessoas sentem que não têm o menor controle sobre suas próprias vidas. O fator desencadeador, o gatilho para a multiplicação de muros foi essa reação contra a globalização e a crise de identidade ligada a isso. (VALLET, 2017)

Vallet (2017) dialoga com as incertezas, tão características da contemporaneidade, segundo Edgar Morin (2001), quando relaciona a construção de muros, entre tantos outros fatores, a uma sensação de que indivíduos “não têm o menor controle sobre suas próprias vidas”. As barreiras, então, são uma tentativa de construir alguma certeza em um terreno incerto. “As pessoas têm a sensação de que é fácil fortificar suas fronteiras e que isso vai protegê-las das ameaças e riscos globais”, porque “os muros e as cercas nas fronteiras são uma resposta visível e fácil para essas inseguranças da população” (VALLET, 2017) – mesmo que não funcionem, como a pesquisadora conclui em sua pesquisa.

Essas e muitas outras descobertas de Vallet, inspiraram uma repórter e um fotógrafo da *Folha de S.Paulo*, Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida, respectivamente, a percorrer o mundo atrás das histórias por trás dos muros e barreiras que separam milhões de pessoas, em todos os continentes. Uma equipe de mais de 22 profissionais (como repórteres, fotógrafos, editores de texto, vídeo, fotografia, pesquisadores, designers e ilustradores) foi montada para contar a história daqueles que

³ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1918764-globalizacao-gerou-inseguranca-e-ao-inves-de-derrubar-reforcou-fronteiras.shtml> >. Acesso em: 14 jun. 2019.

⁴ Na data, dois aviões foram sequestrados e atirados contra as duas torres do World Trade Center, dois dos prédios mais altos do mundo à época. Os edifícios, localizados na ilha de Manhattan, em Nova York, pegaram fogo e suas estruturas cederam, o que causou o desabamento dos prédios. Cerca de 3 mil pessoas morreram e o episódio ficou conhecido como o maior atentado terrorista de todos os tempos. A ação foi reivindicada pela organização fundamentalista islâmica internacional, Al-Qaeda que, por muitos anos, foi liderada por Osama bin Laden.

encontram esses obstáculos pelo caminho – e que encontram, também, a fome, a sede, o medo e as incertezas.

A série de reportagens “Um mundo de muros” tem como primeira parada aquele que, talvez, seja um dos muros mais conhecidos do mundo: o que separa os Estados Unidos do México. Em seguida, conhecemos a história da família somali Addow, que viaja ao Quênia para fugir da fome, da epidemia de cólera e de ataques terroristas. A quarta reportagem aborda um muro brasileiro que separa os usuários da Rodovia dos Imigrantes da Vila Esperança, em São Paulo. Na sequência, conhecemos um muro europeu, situado na fronteira entre Sérvia e Hungria e, depois, o “muro da vergonha”, que separa um bairro pobre de um rico em Lima, no Peru. A última barreira narra a respeito de um conflito milenar: o muro entre Cisjordânia e Israel. Ao todo, são sete reportagens publicadas pela *Folha de S.Paulo* – nos suportes impresso e digital – entre os meses de junho e setembro de 2017.⁵

A série de reportagens, que contou com a visita a mais de dez países e com mais de cem fontes escutadas, coleciona prêmios: no mesmo ano de sua publicação, conquistou o Prêmio do Comitê Internacional da Cruz Vermelha de Cobertura Humanitária Internacional, com destaque para a “pluralidade de perspectivas em torno de um problema humanitário global muito contemporâneo” (SÉRIE UM MUNDO, 2017). Ganhou também o prêmio Rei da Espanha de Jornalismo Digital, um dos mais importantes do jornalismo internacional, oferecido pela Agência EFE e pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional e Desenvolvimento, órgão do Ministério de Relações Exteriores espanhol. A própria *Folha de S.Paulo* premiou a série com seu Prêmio Folha de Jornalismo em 2017.

⁵ As reportagens que compõem a série, por ordem de publicação e com seus autores: 1. “Ao norte da fronteira, passado acalenta e futuro intimidado”, sobre o muro que separa Estados Unidos e México, por Isabel Fleck e Avener Prado (2017); 2. “Ao sul da fronteira: Expectativa e ressentimento atormentam quem fica para trás”, sobre o muro entre México e Estados Unidos, por Fabiano Maisonave e Lalo de Almeida (2017); 3. “Pobreza: na fronteira dos desprovidos, quem foge da fome se depara com o terror”, abordando a cerca erguida entre Quênia e Somália, por Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017); 4. “Excluídos: à beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera”, sobre a construção do muro de um quilômetro que separa a Vila Esperança da Rodovia dos Imigrantes em São Paulo, de Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017); 5. “Persistência: na porta da Europa, tentar entrar é ciclo de perpétua incerteza”, sobre o muro entre Sérvia e Hungria, de Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017); 6. “Segregação: muro da vergonha separa indígenas de ‘gringos’ em Lima”, que trata de uma cerca entre um bairro rico e outro pobre na capital do Peru, de Fabiano Maisonave e Avener Prado (2017); 7. “Conflito ancestral: barreira construída para trazer segurança aparta vidas e memórias”, que cobre o muro entre Cisjordânia e Israel, de Diogo Bercito e Lalo de Almeida (2017).

A INVISIBILIDADE DE UM MURO BRASILEIRO

Quem passa pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, mais precisamente pelo quilômetro 58,5, talvez já tenha vivenciado uma sensação de estranheza no local. De repente, ergue-se um mundo que impede que motoristas enxerguem o que está ao lado da Rodovia. Pensamentos do tipo “o que há do lado de fora?”, “porque só existe um quilômetro de muro?”, “por que exatamente neste ponto da Rodovia?” e uma curiosidade enorme, podem tomar conta de quem transita pela Imigrantes.

Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida vão em busca dessa resposta e escrevem a reportagem “À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera. Milhões passam diante da Vila Esperança, seus desempregados e seu esgoto aberto, mas, graças à gestora da rodovia dos Imigrantes, não a veem”, publicada no dia 24 de julho de 2017.⁶ A repórter e o fotógrafo descobrem que o muro atravessou a cidadania e a esperança de uma vida melhor para moradores e moradoras do local.

Vila Esperança, localizada em Cubatão, é a maior comunidade da Baixada Santista, com mais de 25 mil habitantes. Em 2016, a vida de quem vive lá foi radicalmente transformada, quando um muro de 1km de extensão, três metros de altura e 25cm de espessura, foi construído pela Ecovias, concessionária do trecho Anchieta-Imigrantes, que liga a capital de São Paulo a Santos e a outras cidades litorâneas.

A apuração de Mello (2017) nos revela que a barreira foi erguida para proteger quem trafega pela Rodovia de assaltos cometidos por moradores e moradoras da Vila Esperança. A repórter observa que os excluídos e excluídas após a construção do muro são filhos, filhas, netos e netas daqueles operários que trabalharam na construção da Imigrantes, no início dos anos de 1970. As contradições da vida...

De acordo com dados do Censo de 2010 do IBGE, cerca de 10% da população de Vila Esperança não possui renda e que apenas 24% de quem vive lá concluiu o ensino médio. Descendentes dos operários que construíram a Rodovia, sobreviviam há três anos, majoritariamente, do comércio ambulante que era bem mais rentável durante os congestionamentos na Imigrantes. Também era nesse momento que a Ecovias afirmava que a maior quantidade de assaltos ocorria. Agora, talvez os assaltos tenham diminuído e o isolamento da comunidade, que vive sem saneamento básico e sem empregos, também.

⁶ A reportagem multimídia é composta por dois *teasers*; dois vídeos; mapas com a localização de Vila Esperança, Cubatão e com o local onde o muro foi erguido; onze infográficos; nove fotografias; e um vídeo em 360°.

Mello e Almeida, então, contam a história de quatro moradores e moradoras de Vila Esperança que estão ficando cada vez mais cercados e cercadas pela pobreza, desemprego e insegurança: o secretário de Assistência Social de Cubatão e líder comunitário, Sebatião Ribeiro, o “Zumbi”; a comerciante, Luzia Gonçalves da Silva; o desempregado, Alexandre de Lima, o “Xambito”; e a vendedora ambulante, Elza Maria da Silva.⁷

A suposta segurança de turistas agrava a situação de exclusão de quem vive em Vila Esperança. “Esse muro aí é para proteger os turistas, né? Mas e a gente? Era por lá que a gente passava para vender na pista”, questiona Luzia da Silva. Da janela de sua casa, ela comemorava quando havia engarrafamento na Imigrantes, porque era uma possibilidade de aumentar as vendas de salgadinhos, água e refrigerantes. Após a construção do muro, o jeito que ela encontrou para sobreviver foi abrir o Bar da Sofrência, embaixo do viaduto do bairro. O problema é que não tem quase ninguém para comprar pinga e conhaque, porque “quem vai comprar se ninguém tem emprego e os bêbados só pedem fiado?”, ela pergunta.

Essas e outras histórias de vida narradas por Mello e Almeida, situam as incertezas no dia a dia de quem mora em Vila Esperança e na própria narrativa que tecem sobre a comunidade. E é preciso saber lidar com elas para sobreviver.

EPISTEMOLOGIA DA COMPREENSÃO

Comprehendere, “compreender”, em seu sentido original no latim, significa “abranger, abraçar ou pegar junto” (KÜNSCH, 2005, p. 46). Uma epistemologia compreensiva, como chama Pedro Brito (2015), pode ser traduzida como uma tentativa de aproximar diversas formas de conhecimento, sem hierarquias, “cada uma a seu modo, com sua verdade própria e com os seus limites e suas mazelas, no mundo físico e humano, incluindo o mundo dos fatos e situações do presente” (KÜNSCH; KLAUTAU, 2017, p. 4), onde o jornalismo opera. Nesse sentido, a epistemologia da compreensão se aproxima daquilo que Edgar Morin (2001, p. 36) entende como “princípios do conhecimento pertinente”.

⁷ As outras fontes entrevistadas são: Ademário Oliveira, prefeito de Cubatão; Tenente Vanessa Fernandes, oficial do 1º Batalhão de Policiamento Rodoviário; Mariana Salgado, dentista; Sílvia Mari Azuma, coordenadora de licenciamento ambiental da Rumo; representantes da Ecovias (por meio de nota).

A atitude compreensiva, em seu sentido cognitivo, caminha junto a algumas formas de pensar o conhecimento que renunciam às certezas, à ideia de que a Ciência é a única forma de conhecer o mundo e de que existe uma hierarquia dos saberes. A epistemologia da compreensão, dessa forma, dialoga com o pensamento da complexidade de Morin (2015) e com as características do paradigma emergente de Boaventura de Sousa Santos (2008a). É uma saída possível para aquilo que se tem chamado de “crise de paradigmas” ou, como preferimos, “crise dos modelos explicativos” (KLAUTAU, 2018, p. 37).

A tentativa de compreensão, então, é diferente da tentativa de explicar algo. Ela se interessa mais por “construir pontes”, como sugerem Dimas Künsch, Eugenio Menezes e Mateus Yuri Passos (2017, p. 3), lá onde o conhecimento foi, anteriormente, “picotado” (p. 2) ou fragmentado.

A compreensão como método incita a abrir bem os olhos para, mais uma vez, perceber a multiplicidade de formas de que dispõem os humanos de ver o mundo e a vida, de produzir sentidos, de narrar e de buscar se orientar no mundo, como resultado desses processos, sempre muito variados, de se aproximar dos fenômenos. Nesse vasto mundo desafiadoramente compreensivo, mais vale perguntar e perguntar que responder, definir e conceituar (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p.11).

Uma epistemologia compreensiva nasce como uma tentativa de ampliar o olhar para os problemas, mistérios e incertezas do mundo, colocando-se, por vezes, como um caminho possível para pensar o conhecimento, fugindo das certezas, garantias e visões fechadas da perspectiva newtoniana-cartesiana, como classifica Fritjof Capra (2006).

A proposta de uma epistemologia compreensiva é colocar os diversos saberes para dialogar entre si (arte, mitologia, filosofia, ciência, entre outras), valorizando as diferenças de pontos de vista entre eles (especialmente daqueles que possam parecer opostos, como ciência e religião, por exemplo), convidando-os a integrar uma roda de conversas da pluralogia dos saberes, como chama Cremilda Medina (1991), que busca levantar mais perguntas fortes, do que as respostas fracas (SANTOS, 2008b). Como sugere Susanne Langer (2004), não são as respostas que marcam o pensamento de um tempo e sua cultura, mas as boas perguntas. Enxergar o mundo sob um olhar compreensivo, é saber que sempre existem “mais interrogações e vírgulas” e “menos pontos finais” (KÜNSCH, 2009, p. 41).

Em sua postura de dialogar com a dúvida, a diversidade, o diferente, a arte, a filosofia, mitologia e a ciência, ao mesmo tempo, a epistemologia da compreensão abraça “duas coisas que a academia anda longe de compreender, integrar, abraçar. A coisa e seu contrário” (KÜNSCH et. al, 2017, p. 16): a complementaridade de opostos e a incerteza.

Enquanto a Ciência passa a olhar para essas duas noções com mais atenção a partir do século XX, por conta das descobertas da física moderna, como atestam Capra (2013) e Marcelo Gleiser (2006), os mitos, a arte, a filosofia e as religiões, por exemplo, praticam um diálogo ancestral com elas. Incerteza e complementaridade de opostos são “constitutivos de um mundo e de um pensamento dialógico, aberto, ora fascinado ora sob o efeito terrível do assombro e do medo” (KÜNSCH et al, 2017, p. 16).

O conhecimento humano, nos parece, tem muito mais possibilidades de diálogo do que exclusões pelas suas diferenças...

INCERTEZA E COMPLEMENTARIDADE DE OPOSTOS

Se a academia ou a Ciência tem descoberto, aproximadamente, do século XX para cá que é possível conversar com a incerteza e complementaridade de opostos – aqui destacamos os estudos de Morin (2015) e Santos (2008a) – outras formas de conhecimento do mundo já se relacionam com essas duas noções há milhares de anos. Para exemplificar como esse diálogo se dá, neste artigo vamos visitar as religiões de matriz africana.⁸

Antônio Flávio Pierucci (2001), na contracapa de *Mitologia dos orixás* de Reginaldo Prandi (2001b) considera a complementaridade de opostos um tema recorrente a todas as narrativas míticas:

Se a luta perene entre luz e trevas é um tema básico da mitologia em geral, na própria estrutura narrativa mítica se encontra essa paradoxal unidade de clareza e escuridão, de algo que se oculta ao mesmo tempo que se mostra, como o universo que habitamos, vasto e interminável jogo de esconde-esconde. Mitos são histórias contadas para desvendar mistérios, mas fazem parte de um saber cultivado pelos antigos e que é secreto em grande parte. Saber iniciático reservado a poucos, o mito fala por símbolos e enigmas, por imagens e parábolas – para entreabrir, não para escancarar. Em narrativas muito além de apenas fantasiosas, os mitos

⁸ Para uma abordagem mais aprofundada sobre como incerteza e complementaridade de opostos dialogam com outras formas de conhecimento do mundo, ver “Jornalismo, incerteza e complementaridade de opostos: um diálogo compreensivo” (KLAUTAU, 2018). Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/CAROLINA-MOURA-KLAUTAU-DE-ARAU%CC%81JO-FIGUEIREDO.pdf> >. Acesso em: 26 jun. 2019.

explicam sem dizer tudo. Como os apocalipses, eles são feitos para revelar, tapando.

Em algumas religiões e mitologias de matrizes africanas, como entre os antigos iorubás (grupo étnico-linguístico da África Ocidental), encontramos a figura de Exu, um ser encarregado de ligar o mundo dos homens e mulheres que habitam a terra e o mundo dos deuses e orixás – ligação, portanto, entre *Aiê* e *Orum*, respectivamente.

É Exu quem leva ao *Orum* as oferendas (comidas, bebidas, vestes, adornos e diversões) e faz a comunicação entre os seres humanos e os orixás – entidades que são parte da família, fundadores de antigas linhagens de africanos e africanas – em troca de proteção, ajuda e de conferir identidade aos seus descendentes humanos, por exemplo. Por conta disso, Exu é um ser de ligação.

Na mitologia iorubá, a sua figura é uma das que representa a ideia da complementaridade de opostos. Exu trabalha para todo mundo, sem preferências e hierarquias, e, por conta de ser um mensageiro entre mundos, atuando como um comunicador ou mediador, tem conhecimento de tudo e precisa saber se os orixás estão contentes com as oferendas destinadas a eles e a elas.

O conhecimento de tudo faz com que Exu tenha algumas importantes funções: transformar, promover mudanças, questionar regras e tradições. Ele “é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu” (PRANDI, 2001a, p. 50). Ao mesmo tempo, Exu é encarregado de garantir a manutenção da vida, por meio da sexualidade e da reprodução dos seres humanos. Sua personalidade, então, tem a possibilidade de transformar e manter, ligar o mundo profano e o sagrado, ajudar e atrapalhar.

Sem Exu, o mensageiro, nada acontece neste mundo: como é o encarregado da ligação entre *Aiê* e *Orum*, e os orixás podem interferir em tudo o que acontece (do cotidiano dos seres humanos aos fenômenos da natureza), sem a sua atuação, nada pode ocorrer. “Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exu, nada é possível” (PRANDI, 2001a, p. 50). E é exatamente esse caráter transformador do orixá que mais o diferencia dos demais deuses africanos e deusas africanas.

Não é pois de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que

não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. Exu carrega consigo qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do *status quo*, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela sexualidade e reprodução humana, mas ao mesmo tempo ele é o inovador que fere as tradições, um ente portanto nada confiável, que se imagina, por conseguinte, ser dotado de caráter instável, duvidoso, interesseiro, turbulento e arrivista (PRANDI, 2001a, p. 50).

Mais uma vez, chamamos atenção para as possibilidades de Exu: conserva em si os princípios do movimento e da continuidade, do sagrado e do profano, da ligação entre o mundo dos deuses, deusas e dos seres humanos. Seu caráter dual, tão incompreensível para o pensamento hegemônico ocidental cristão, fez com que o orixá mediador de mundos fosse relacionado à figura do demônio pelos europeus cristãos colonizadores. A relação de Exu com a sexualidade (por conta da manutenção da vida) também contribuiu para essa associação.

O sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois pólos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal; de um lado a virtude, do outro o pecado. Essa concepção, que é judaico-cristã, não existia na África (PRANDI, 2001a, p. 51).

O pensamento cristão, que opera dentro da lógica do bem e do mal, com pólos de oposições, relegou a Exu o contraponto à bondade de Deus, Jesus e o Espírito Santo. Até mesmo a representação do orixá sofreu transformações devido ao sincretismo religioso: o símbolo fálico, tão presente na representação iorubá do orixá, passa a ser escondido quando Exu é apropriado pelo cristianismo. Ele também ganhou chifres, rabos e pés de bodes, que eram associados ao demônio no período medieval (PRANDI, 2001a).

Tanto nossa percepção sensorial como os processos de pensamento que usamos para organizar o mundo à nossa volta são restringidos por uma visão polarizada realidade, que se baseia em opostos como dia-noite, frio-quente, macho-fêmea, etc. Devido a essas limitações, podemos oferecer apenas um pequeno número de argumentos lógicos que visam dar sentido àquilo que transcende essa polarização, o Absoluto de onde tudo se origina (GLEISER, 2006, p. 9).

Afinal, Exu é santo ou demônio? Santo, demônio, ambos ou nenhum dos dois. O orixá da transformação não poderia encerrar em si mesmo quaisquer dessas três perspectivas, pois “as transformações de Exu ainda não se completaram: para seus próprios seguidores, Exu é um enigma sempre mais intrincado” (PRANDI, 2001a, p. 60). Um enigma também é como é possível superar essa polarização do mundo, tão

característica do pensamento ocidental. “Pagamos um preço alto por sermos assim. Perguntas que transcendem a distinção entre opostos ficam sem resposta” (GLEISER, 2006, p. 19).

REPORTAGEM: UM EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO

Na reportagem de Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017), em nossa perspectiva tecida em diálogo com a epistemologia da compreensão, conhecemos o drama cotidiano daqueles que são diariamente sacrificados, depois que o muro passou a proteger quem vai buscar descanso na praia ou quem vai e volta para trabalhar na capital, no litoral ou em outras cidades paulistanas. Sempre que um lado dos pares de opostos é valorizado, o outro tende a se aprofundar cada vez mais – no caso, o dos abandonados na Vila Esperança.

O prefeito de Cubatão, Ademário Oliveira (PSDB), compara a situação da comunidade de São Paulo a dos sul-africanos, no período do Apartheid:⁹ “você está separando quem tem de que não tem da pior maneira, construindo muros. E isso nos assusta, né?” O secretário de assistência social de Cubatão, Sebastião Ribeiro, o Zumbi, morador da comunidade, reforça: “é uma atitude simplista, né? Você achar que um muro vai resolver tudo. Pode proteger em um certo momento, mas ele cria mais um sentimento de ódio, de intolerância”.

As impressões de Oliveira e Zumbi, nos dão a sensação de que, na reportagem e na vida, só podemos tentar compreender o mundo quando colocamos os opostos em diálogo, como dizia o pensador grego Heráclito de Éfeso (2002). No caso da tensão entre moradores e moradoras de Vila Esperança e usuários e usuárias da Imigrantes, parece que o diálogo também teria um efeito prático, porque, como diz Zumbi: “nós temos dificuldades como toda comunidade. Mas se enfrenta essas dificuldades não é separando, criando muro, construindo um presídio.”

Na tessitura de sentidos que revelam a complexidade da situação representada na reportagem, há quem deteste o muro construído pela Ecovias, porque ele diminuiu drasticamente o comércio ambulante da região, como Luzia da Silva, e quem, por não ter

⁹ Entre 1948 e 1994, sul-africanos viram o racismo virar lei durante o Apartheid, regime que retirou uma porção de direitos da população negra, a maioria no país. Casamentos e relações sexuais interracialis foram proibidas, pessoas negras não eram autorizadas a frequentar os mesmos locais que brancos, o voto foi proibido e elas precisavam portar, sempre, um cartão de identificação que deveria ser apresentado à polícia sempre que fosse demandado. O movimento pelo fim do Apartheid foi liderado por Nelson Mandela, que acabou preso por 27 anos. Em 1994, quando o regime chegava ao fim, Mandela foi eleito presidente da África do Sul, quatro anos após sair da prisão.

nenhum vislumbre de uma vida melhor, acredite que o paredão de concreto, na verdade, não faça nenhuma diferença. Xambito se enquadra neste segundo grupo.

Ele cursou o colégio até a quinta série, trabalhou na construção civil, em feiras e chegou a se envolver com o tráfico de drogas. Mas, agora, Xambito tem um filho de três anos, precisa pagar pensão e não quer mais voltar para a “vida errada”. “Fumar, jogar bola e tomar emprestado o wi-fi do barraco vizinho para entrar no WhatsApp e no Facebook – é esse o dia a dia de Xambito e da maioria de seus amigos em Vila Esperança” (MELLO, 2017).

A reportagem também nos apresenta a pessoas que acreditam que sim, o muro conseguiu cumprir a sua função e diminuiu a violência na Imigrantes. O interessante não é só a visão de cada uma das personagens, mas os motivos que levam, cada uma delas, a pensar dessa forma. Retomando a história de vida de Xambito, um jovem que nunca teve tantas oportunidades de emprego antes do muro, por que a construção de uma barreira física faria tanta diferença em sua vida? Mello (2017) ouve as vozes dos “não-olimpianos” (KÜNSCH, 2000, p. 20) e tece os sentidos múltiplos, numa tentativa de compreensão de suas histórias de vida.

A narrativa de Patrícia Campos Mello (2017) dialoga e expõe o contraditório e a complementaridade de opostos, tão características das relações sociais e da vida humana. É o caso, por exemplo, de quando a repórter apresenta uma visão complexa (MORIN, 2015) sobre a existência de muros, porque nem toda barreira, na verdade, é um desastre: existe o “muro da vergonha”, aquele construído pela Ecovias, e, também, o “muro do orgulho”, o que foi erguido pela antiga concessionária da Rodovia, a Rumo (antiga ALL Logística), que separa a linha de trem que passa pela comunidade, ajudando a evitar acidentes. “A Rumo se comprometeu com algumas medidas compensatórias para conseguir a licença ambiental. Asfaltou a via principal, construiu passarelas, reformou a ONG e equipou uma sala de informática com 18 computadores” (MELLO, 2017).

O “muro do orgulho” tem 3,5km e é, aos poucos, colorido por moradores e moradoras da comunidade, nas aulas com o grafiteiro Tuim, que mora numa favela próxima. Ao contrário do “muro da vergonha”, que pegou todo mundo de surpresa, o “muro do orgulho” foi planejado – e esse sim consegue trazer alguma sensação de segurança.

A forma como a repórter encadeia essas perspectivas faz com que entendamos que todas elas são faces complementares de um mesmo problema. Na reportagem, existe uma

preocupação de apresentar os pares de opostos – o muro que é bom e ruim; a pobreza e a riqueza; o certo e o errado; a segurança e a insegurança –, visões plurais sobre um assunto extremamente complexo e, principalmente, que é importante colocar as dualidades em diálogo e, jamais, anulá-las.

Muito mais do que ir atrás de definições, Mello (2017) olha para o fato com uma mirada compreensiva, com uma atitude de quem está mais preocupada com as perguntas fortes, do que com as respostas fracas (SANTOS, 2008b) para o drama cotidiano que está sempre em transformação.

Drama, aliás, que não fica limitado à vida de usuários e usuárias da Imigrantes, nem das mais de 25 mil pessoas que residem na Vila Esperança. Isso porque, segundo o prefeito de Cubatão, na comunidade “não tem nenhum tipo de serviço de infraestrutura. Você não tem saneamento básico, não tem coleta de esgoto... As pessoas vivem lá numa situação calamitosa”. Ironicamente, é na praia em que desaguam os dejetos de Vila Esperança, que visitantes do litoral de São Paulo se banham.

Ao final da reportagem, Mello e Almeida (2017) podem frustrar leitores e leitoras mais acostumados com uma tentativa de explicação das certezas do mundo pelo jornalismo, pois, depois de apresentar dados, entrevistas e estatísticas, restam várias perguntas sem respostas. Talvez a principal delas seja se o muro realmente protege alguém ou não. Para o prefeito de Cubatão, a barreira foi construída para “em tese, garantir a segurança do usuário, o que é uma falsa impressão. Recentemente, um jovem morreu com uma pedrada da própria obra” que foi arremessada por uma pessoa que subiu no muro. Como um contraponto, temos a perspectiva da Tenente Vanessa Fernandes, para quem o muro diminuiu a quantidade de assaltos e outros tipos de violência nesse trecho da Rodovia.

Não há afirmação de nada, garantia de nada, explicação de nada: mas, sim, um diálogo com a incerteza e a complementaridade de opostos, para tentar compreender esse mundo que é a nossa casa, como diz Hannah Arendt (2008, p. 330).

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, tentamos sentir o mundo como nossa casa.

Não estabelecer as certezas, estar aberta a transformação da realidade, enxergar as perspectivas diferentes como complementares, e não excludentes, faz parte daquilo que temos chamado, a todo momento, de uma epistemologia e atitudes compreensivas.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

O Capítulo II, Art. 6º, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros¹⁰ afirma que é dever do profissional “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Ao tocar no tema sensível e urgente dos excluídos de Vila Esperança, a partir de uma mirada complexa e que tenta compreender o Outro, Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida trabalham para que a história de Xambitos, Luzias e Elzas saiam de uma situação de invisibilidade e provoquem o olhar de quem apenas enxerga muros, onde existe gente.

O diálogo com a incerteza e a complementaridade de opostos enriquece a narrativa ao fazer refletir sobre as desigualdades, ao apresentar a pluralidade de vozes e perspectivas que compõem o fato, fazendo com que seja possível perceber a complexidade dos problemas contemporâneos. Aparentemente, como a reportagem mostra, a segregação e o favorecimento de um dos lados dos pares de opostos complementares, pouco acrescenta a possíveis soluções, pelo contrário, a tendência é do agravamentos de desigualdades.

Mello e Almeida também deixam bastante claro em sua tessitura de sentidos, que a vida é feita, muito mais, de “es” do que “ous”: muros podem proteger e não proteger, podem trazer segurança e insegurança também. O que importa, ao jornalismo, é apresentar as vozes plurais, complementares e levantar as incertezas que emergem na contemporaneidade. Quanto mais visões diferentes repórteres buscarem, maiores as chances de conseguirem capturar a complexidade do cotidiano e maiores serão as chances de reconhecerem que o tempo presente é feito mais de perguntas do que de respostas – e que seres humanos são feitos de luz e sombra, ao mesmo tempo.

Ao levar em consideração as noções de incerteza e complementaridade de opostos, jornalistas dialogam com duas formas ancestrais de conhecimento do mundo e podem estar mais próximos de um esforço de compreensão, mais do que de explicação, dos problemas que nos atravessam – ou, até mesmo, da alma humana, já que as duas noções

¹⁰ Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso em: 25 jun. 2019.

são trabalhadas há tantos milhares de anos. Se a matéria-prima do jornalismo é a contemporaneidade, como o próprio jornalismo pode definir e explicar fatos que estão em constante transformação? Como fechar os sentidos do presente, se o próprio presente é alterado a cada segundo?

A epistemologia, a atitude e o esforço de compreensão é uma tentativa de nos fazer ficar em paz com o mundo, que é nossa própria casa, e de conhecê-lo melhor. E o jornalismo, quando munido de tentativa de compreender o tempo presente, está mais próximo de cumprir seu papel social, que é o de orientação diante de um cotidiano, muitas vezes, caótico.

REFERÊNCIAS

ARENDETT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: **Heráclito**: Fragmentos Contextualizados. Ed. Bilíngüe, trad. e comentários Alexandre Costa. Rio de Janeiro, Difel, 2002.

KLAUTAU, Carolina Moura. Jornalismo, incerteza e complementaridade de opostos: um diálogo compreensivo. 2018. 268 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero.

KÜNSCH, Dimas. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, n. 24, dez. 2009, p. 41-50.

KÜNSCH, Dimas A. *Compreendo ergo sum*: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, Vol. 5 – nº 1 – 1º semestre 2005, p. 43-54.

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume, 2000.

KÜNSCH, Dimas A.; DIAS, Everton; PASSOS, Mateus Yuri; FERNANDES, Paulo Emílio; BRITO, Pedro Torres Debs (Orgs.). **Produção de conhecimento e compreensão**. São Paulo: Uni, 2017.

KÜNSCH, Dimas A.; KLAUTAU, Carolina. Jornalismo e com-preensão: uma aposta na ciência que está por vir. Texto apresen-tado no IX Seminário Alaic Cone Sul. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 22-23 de maio de 2017.

KÜNSCH, Dimas; MENEZES, José Eugênio; PASSOS, Mateus Yuri. Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como

método. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. **Anais do 26º Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Compós 2017, p.1-23. Disponível em:
<http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_VM6PB76816RZN2YHLBIA_26_5809_24_02_2017_09_56_35.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

LANGER, Susanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MEDINA, Cremilda. (Org.). **A crise dos paradigmas: 1º Seminário Interdisciplinar**. São Paulo: ECA/USP, 1991.

MELLO, Patrícia Campos; ALMEIDA, Lalo de. À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jul. 2017. Disponível em:
<<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Contracapa. In: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, n. 50, junho/agosto, 2001a, p. 46-53.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, 80, p. 11-43, março 2008b. Disponível em:
<<http://rccs.revues.org/691>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

SÉRIE ‘UM MUNDO de muros’, da Folha, vence prêmio da Cruz Vermelha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 out. 2017. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1930334-serie-um-mundo-de-muros-da-folha-vence-premio-da-cruz-vermelha.shtml>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

VALLET, Élisabeth. Globalização gerou insegurança e, ao invés de derrubar, reforçou fronteiras. São Paulo, **Folha de S.Paulo**: 19 set. 2017. Entrevista concedida à Patrícia Campos Mello.

VALLET, Élisabeth (Org.). **Borders, fences and walls: state of insecurity?** Farnham, Reino Unido: Ashgate Publishing, 2014.